



PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Território Campo Limpo: Bordando nossa História

Uma experiência intergeracional em oficina de artes manuais no Sesc Campo Limpo. / **por Aline Tafner**



O CAMPO LIMPO COMO TERRITÓRIO

O conceito de território foi inicialmente tratado nas ciências naturais referindo-se a certa área física. Em seguida, esta noção foi incorporada por diversas áreas das ciências humanas. Para Milton Santos (1998) as ações e relações do cotidiano que ocorrem num determinado território permitem compreendê-lo, construindo-se como uma relação dialética entre as condições naturais de um determinado local e as transformações incutidas pela ação humana. Assim, o território assume um caráter em parte simbólico e em parte funcional (BARRETO E MONASTIRSKY, 2010), representando raízes históricas, configurações políticas e identidades (ABRAMOVAY, 1998 In FLORES, 2006).

O Campo Limpo é um distrito da zona sul da cidade de São Paulo. Sua ocupação maciça se deu a partir do início do século XX e foi marcada pela presença de imigrantes japoneses, italianos e portugueses assim como de pessoas provenientes do interior de São Paulo, migrantes nordestinos e do



RAIO-X

Aline Tafner

Animadora Cultural
do Sesc Campo
Limpo. Psicóloga,
mestre em Psicologia
Clínica Social, artista
plástica formada
pela USP.

aline@campolimpo.
sescsp.org.br



sul do país. Em comum, todos tinham o sonho de encontrar melhores condições de vida.

Logo no início, a região constituía-se como uma zona rural, composta de muitas chácaras e olarias. Não havia energia elétrica, transporte, água encanada nem tratamento de esgoto. Devido à distância dos bairros mais centrais e a dificuldade de transporte, não havia professores dispostos a permanecerem nas poucas escolas da região. Foi a partir da carência de políticas públicas que os primeiros grupos de moradores começaram a se reunir para reivindicar seus direitos. (IGLESIAS, G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. 2016, p. 53).

Se no início a garantia de direitos sociais encabeçava a pauta de lutas e constituía-se como o grande motivo de união da comunidade, a oferta de opções culturais para todas as idades começou a surgir também como prioridade. Na história da *União Popular de Mulheres do Campo Limpo*, importante movimento da região ainda hoje, observa-se que o envelhecimento dos primeiros moradores foi um fenômeno importante para a ampliação de foco

[...] Passadas quatro décadas do período de ocupação do território, os primeiros migrantes que lutaram pelas melhorias da região envelheceram. Com o aumento do número de idosos e idosas ociosos na periferia, estes tornam-se os sujeitos mais presentes na comunidade, e muitos passam a buscar atividades na entidade [União Popular de Mulheres do Campo Limpo] [...] Buscamos desenvolver um espaço de convívio, lazer, educação e cultura multietário, fortalecendo o idoso como agente detentor de grande experiência e conhecimento, que tem muito a colaborar com o desenvolvimento de sua comunidade. (IGLESIAS,G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. 2016, p. 53).



Os dados mostram que a periferia deixou de ser associada com um espaço da cidade para consolidar-se como sinônimo de área menos privilegiada, com mais pobres e mais casos de violência.

O Campo Limpo é marcado por movimentos de luta que acabaram culminando em uma produção cultural e política muito intensa ainda nos dias de hoje. Atualmente, a região conta com inúmeros movimentos sociais e culturais que disseminam a cultura periférica por meio de saraus, grupos de teatro, de dança, grupos de mães, de idosos, instituições voltadas à infância e a questões ambientais.

Constituindo-se como uma das três regiões mais populosas da cidade de São Paulo (16.542 habitantes por km²), com mais domicílios (186.070) e mais favelas (177) (INFOCIDADE, 2010), o distrito do Campo Limpo, é uma das mais identificadas pelos próprios paulistanos como pertencente à periferia. Para se ter dimensão do conteúdo simbólico que envolve o entendimento da periferia e de seus moradores recorre-se a uma pesquisa realizada pelo Datafolha e publicada em junho de 2016.

Os dados mostram que a periferia deixou de ser associada com um espaço da cidade para consolidar-se como sinônimo de área menos privilegiada, com mais pobres e mais casos de violência. A periferia está associada ao caos urbano e social: a maioria dos seus moradores é tida como violenta e perigosa (56%), tem mais tráfico de drogas (71%), sendo que seus moradores sofrem mais preconceito. Para 26% dos entrevistados, a primeira ideia que vem à cabeça quando pensa em periferia em São Paulo é pobreza, seguida por violência (20%), favela (8%) e área abandonada (6%). Em relação aos bairros que não são identificados como periferia, os entrevistados os reconhecem como aqueles que possuem melhor infraestrutura urbana (86%), mais oportunidades de emprego (83%), serviços de saúde de qualidade (76%), espaços de lazer para todos (67%), são bons lugares para criar os filhos (67%), há escola que funciona bem (67%), boas opções de transporte (66%), são bons lugares para se morar (65%), são mais seguros (65%) e têm atividade culturais interessantes (65%). Em outras palavras, a periferia carrega um conteúdo simbólico extremamente negativo para os moradores da cidade de São Paulo.

É nesta região periférica da cidade de São Paulo, densamente povoada, marcada por uma

história de ocupação não planejada do espaço, com uma população constituída de migrantes e seus descendentes, com uma comunidade reunida pela militância em diversas frentes e produtora de manifestações culturais riquíssimas que está inserida há, dois anos, a Unidade do Sesc Campo Limpo.

A PERIFERIA COMO POTENCIALIZADORA DE EXPERIÊNCIAS SENSÍVEIS: O PROJETO TERRITÓRIO CAMPO LIMPO

“A qualquer momento, em qualquer lugar podemos nos deparar com a IMAGEM, se estivéssemos atentos. Nenhum ponto da Terra é privilegiado, mais generoso visualmente. É nosso olhar que deve ser generoso, concedendo ao céu, às sombras, ao chão, o mesmo cuidado dispensado ao museu e à galeria. Mesmo nesses locais específicos de cultura, às vezes, as pessoas e os edifícios brilham mais do que os trabalhos expostos.” (BUTI, M. 2006)





... ações que estimulam uma relação mais sensível e poética, as programações vinculadas ao projeto criam um espaço fértil que procura estimular a apropriação criativa do espaço urbano e o direito à cidade

Para John Dewey a arte se ligaria a experiências cotidianas (DEWEY, 2010). O valor de uma obra de arte não estaria no objeto em si, mas nas atividades dinâmicas através das quais esses artefatos são criados e percebidos. Sendo assim, a experiência estética não estaria restrita ao ambiente das galerias e museus. Qualquer pessoa é capaz de viver experiências inspiradoras nos mais diversos locais por onde passa.

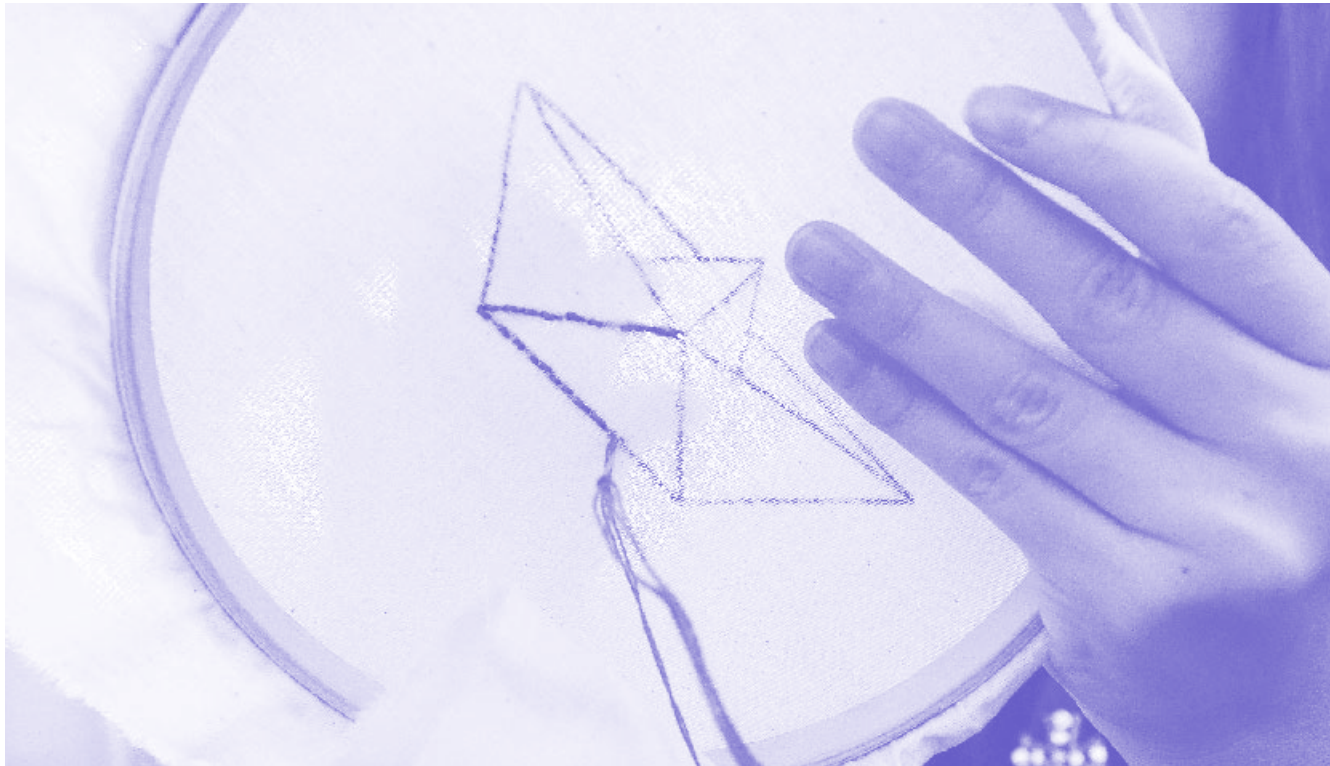
Partindo deste pressuposto, a periferia seria sim um espaço disparador de experiências poéticas. Isso posto, somado à necessidade de apresentar uma contraposição à imagem estigmatizada que o Campo Limpo como periferia teria no imaginário das pessoas, foi criado o *Projeto Território Campo Limpo*. Acontecendo desde outubro de 2015, seu principal objetivo é proporcionar atividades educativas e artísticas que potencializem a sensibilização do contato de cada participante com o entorno. Através de ações que estimulam uma relação mais sensível e poética, as programações vinculadas ao projeto criam um espaço fértil que procura estimular a apropriação criativa do espaço urbano e o direito à cidade.

Uma das atividades que integrou o *Projeto Território Campo Limpo* chamou-se *Bordando nossa história*. Nesta oficina, as participantes eram abordadas pelasicineiras através de um convite aparentemente singelo: “Oi... quer bordar?”. Convite aceito, cada uma era acolhida e integrada à atividade: recebiam seus materiais, eram apre-

sentadas ao restante do grupo. Como o que estava em jogo era a reflexão sobre um espaço coletivo – o bairro e seu entorno – foi fundamental que a oficina se desse a partir de um fazer coletivo: no início de cada aula, eram ensinados pontos de bordado praticados em uma bandeira de pontos individual.

Enquanto isso, asicineiras apresentavam o conceito do trabalho e incitavam histórias e memórias que iam se condensando em imagens transpostas para um grande pano onde todas, num segundo momento, se debruçavam. O bordado assumia um caráter fundamentalmente narrativo, semelhante ao desenho e à escrita: ao bordar uma memória individual, registrava-se uma experiência coletiva. Compartilhar concretamente o tecido abria para o campo simbólico do compartilhamento do território. Entre um encontro e outro, as participantes ficavam encarregadas de pesquisarem mais dados, recuperar suas fotos. Uma delas chegou até a ir em uma biblioteca da região atrás de registros. Várias camadas da história do bairro estão presentes nesse trabalho: desde referências à vinda dos imigrantes, a paisagem original composta por diversas montanhas, assim como referências mais atuais: o Sesc, o shopping e o metrô.

Todo o processo durou 13 encontros, que aconteciam semanalmente à tarde. O grupo foi formado por mulheres de várias idades. Algumas já eram frequentadoras da unidade enquan-



to para outras, este foi o primeiro contato com o Sesc. A atividade tinha um caráter aberto, ou seja, podia receber novos participantes a qualquer encontro. No entanto, observou-se que as participantes formaram um grupo assíduo e que se manteve do início ao fim.

Quatro participantes a partir dos 50 anos foram entrevistadas após 2 meses do término dessa edição do *Projeto*. Nos relatos apresentados, a participação na oficina está ligada a três aspectos principais: a vontade de aprender coisas novas, a sociabilização e a busca por uma condição ampla de bem-estar. Em relação ao repertório que traziam sobre artes manuais, mais precisamente o bordado, o grupo apresentava diferentes experiências. Dona Roseli (natural do interior

de São Paulo, 50 anos, moradora da região há 25 anos) nunca havia bordado. Foi à oficina muito mais para acompanhar a filha que, estudante de moda, tinha interesse em aprender as técnicas. Já Dona Ana (filha de migrantes vindos do sul do país, pai representante comercial, mãe empregada doméstica, 60 anos, moradora da região há 56 anos) conhecia muitos pontos que foram apresentados pelasicineiras. Esta diferença de níveis de experiência proporcionou um ambiente rico nas trocas entre elas. As que sabiam mais, ajudavam aquelas que sabiam menos. Da mesma forma se deu em relação a diferença etária dessas mulheres. A participação da filha de Dona Roseli foi apontada como muito positiva, pois ao desenhar sobre o tecido, ensinava suas companheiras

noções de desenho. Por outro lado, quando se interessava pelas histórias antigas contadas pedia ajuda a alguma das participantes mais velhas. Surge nos relatos uma sensação prazerosa de serem valorizadas pelas suas experiências.

Rapidamente ficou compreendido que o grande objetivo desse trabalho não seria o desenvolvimento individual mesmo que este certamente tenha se dado. Estabeleceu-se um espaço tão acolhedor que rapidamente essas mulheres e as duas oficineiras se constituíram como um grupo. Esse acolhimento e a integração social surgem como os principais motivos ligados ao bem-estar. Dona Irene (filha de migrantes baianos, pai pedreiro e mãe empregada doméstica, 54 anos, moradora da região desde que nasceu) passou por um problema de saúde muito recente. Então fez um acordo com o seu médico: participava de atividades que envolviam outras coisas que gostava e que a fazia se sentir bem. Foi assim que se aproximou do Sesc e passou a participar desta oficina. Dona Silvia (71 anos, moradora da região há 53 anos) entrou na oficina por acaso. Estava passando, por um momento difícil pois perdera recentemente o companheiro de mais de 50 anos de casamento. Um dia, andava pelo Sesc quando viu o grupo reunido e foi convidada pelas oficineiras a se juntar a elas. Principalmente Dona Silva e Dona Irene trouxeram o quanto foi importante a participação na oficina para o restabelecimento de uma noção mais ampla e integrada de saúde, abarcando aspectos psíquicos, sociais, físicos e emocionais. Muitas vezes, uma atividade tem um alcance maior do que aquilo a que se propõe. Em nenhum momento, esta atividade foi pensada com uma finalidade terapêutica, mas foi esse o sentido que assumiu para algumas das participantes o que não desmerece a participação delas e o trabalho que construíram.

Surge no relato uma condição marginalizada do território mas que é ressignificada por elas mesmas ao reafirmarem o quanto o bairro sofreu mudanças desde quando passaram a viver nele. O aspecto negativo, vinculado à precarização de serviços e à violência é tratado de forma crítica pelas participantes que não deixaram de mencionar a admiração pela magnitude física do território, a variedade de recursos encontrados hoje nas proximidades e o aumento das opções culturais para todas as idades.

Não se trata de romantizar o território, nem tampouco de manter uma visão maniqueísta e niilista. As participantes dessa oficina mostraram que um olhar generoso para a trajetória individual e a do bairro é capaz de desencadear um efeito integrador entre os pontos positivos e negativos, o que as torna cidadãs mais potentes. Nas próprias palavras de Dona Ana:

“É importante resgatar a história do bairro em que se mora. Isso faz com as pessoas fiquem mais ligadas a ele e cuidem melhor dele”.

A partir das relações cotidianas que estas mulheres estabeleceram com o entorno criaram-se teias de sentido que foram resgatas a partir da proposição da oficina. Desde o prazer relatado ao se recuperar estas histórias à satisfação de se reconhecer pertencente a este território com seus aspectos geográficos políticos, históricos e sociais se deu um processo de recuperação de conteúdos ao mesmo tempo individuais e coletivos. Todo o processo resultou numa afirmação do papel de cada uma como cidadã ativa na construção da história do bairro, na transmissão de conhecimento e como agentes de mudanças na própria comunidade. ☺

BIBLIOGRAFIA

- BUTI, M. *Ir até aqui*. São Paulo: Cosac Naify. Catálogo da Exposição. 2006
- DEWEY, John. *Arte como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes). 646 pág.
- IGLESIAS, G.; ABATI, N.; MESQUITA, R. “Zona sul de São Paulo a partir da história da União Popular de Mulheres” (p. 15-69). In *Redes periféricas: Juventudes, Mulheres e Arranjos Culturais*. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP – USP). São Paulo: 2016.
- FLORES, M. *A identidade Cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte*. 2006. Disponível em http://camara.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf Acesso em 8.set.2016
- SANTOS, M.. “O retorno do território”. In Santos, M.; et al. *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec. 1998.